



BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile.; OLIVEIRA, Vanderléia Silva. (orgs.). *Desafios Contemporâneos: a escrita do agora*. São Paulo: AnnaBlume, 2013.

Edson Salviano Nery **PEREIRA**¹

Sem o devido distanciamento temporal, a análise da produção literária contemporânea apresenta uma problemática diagnosticada por diversos críticos da área, tornando o trabalho analítico dessas obras uma empreitada e cuja abertura de caminhos se faz através do desbravamento e da coragem de estudiosos que aceitam o convite para a exploração do tema, neste momento tão ímpar da literatura brasileira.

É neste contexto de precursão que se organizam os dez artigos reunidos sob o título de *Desafios Contemporâneos: a escrita do agora*, organizado pelas estudiosas Ana Paula Franco Nobile Brandileone e Vanderléia da Silva Oliveira, ambas pertencentes ao GP CRELIT (Crítica e Recepção Literária), da Universidade Estadual do Norte do Paraná, campus de Cornélio Procópio, e publicado em maio de 2013, pela Editora AnnaBlume. Os estudos reunidos são frutos da pesquisa de professores ligados ao GP, além da participação de uma professora convidada.

A coletânea de ensaios se destaca pelo conteúdo e abordagem utilizada para ponderar, analisar a produção literária contemporânea abordando gêneros e temas diversos, tendo como característica principal “a pluralidade, sem hierarquização, sem tentativas de canonização” (WEINHARDT, p.8), conforme afirma Marilene Weinhardt (UFPR/CNPq) no prefácio da obra. A autora constata, ainda, que “[...] [a] proposta de estudar a produção contemporânea não determina que o foco recaia exclusivamente em obras publicadas em data muito recente. [...]. O novo pode estar na maneira de ler” (WEINHARDT, p.9) e, por este motivo, a coletânea se firma na “harmonia de tons e formas do mosaico” (WEINHARDT, p.10). Ora, se o arcabouço de produção é vasto e diversificado o modo de olhar se configura da mesma maneira, oportunizando a comunidade acadêmica, a partir de cada ensaio lido, uma postura crítica e

¹ Graduando do curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procópio. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação Araucária. Endereço eletrônico: salvinery@gmail.com

reflexiva, pois “cada opção crítica é escolhida com critério e método”, segundo afirmação da estudiosa (WEINHARDT, p.10).

Mesmo para o caminho mais desconhecido é necessário o traçado de um mapa, um reconhecimento do território a ser desbravado. Assumindo com destreza esta tarefa, Ana Paula Franco Nobile Brandileone apresenta seu ensaio intitulado “Literatura brasileira contemporânea: caminhos diversos” que, a partir de um levantamento primoroso e detalhado e abrindo mão de pré-conceitos teóricos, a estudiosa se lança numa espécie de exercício de mapeamento, a partir do qual tanto as narrativas quanto a crítica contemporânea são examinadas na busca de apresentar *caminhos* ou linhas de força desta produção.

Da existência de uma multiplicidade de temas e tons, além de gêneros, suportes e mecanismos de construção, que tornam a literatura brasileira contemporânea uma produção peculiar, Brandileone aponta também para a adoção de um narrador que ela cataloga como sendo um *narrador de grau zero*; preocupado mais em mostrar do que contar, dando um tom *imediatista* às obras literárias.

Sem descartar trilhas já existentes, antes procurando confirmar o quão importantes e presentes estes caminhos se configuram, a autora corrobora a força que os Estudos Culturais vem ganhando nestas últimas décadas. Entrelaçando aos estudos propostos por esta vertente, a estudiosa discute ainda o conceito de *literatura marginal* que se apresenta com força no cenário literário contemporâneo.

Ainda que sua discussão evidencie a prosa, a estudiosa não se esquece de gêneros literários que, embora se firmem no campo literário, adaptam-se ao novo modo de produção, como é o caso da poesia contemporânea, diversificada e renovada, e outros mais recentes, como é o caso da minificção, gênero que vem ganhando espaço ao longo das últimas décadas. É interessante ainda o levantamento realizado por Brandileone, cujo objetivo é discutir a massiva presença de autores e obras ligados ao público infanto-juvenil que, influenciados pelo mercado editorial aliado às políticas públicas de incentivo à leitura, fizeram com que tal produção crescesse em larga escala.

Do exposto e discutido por Brandileone, através do seu levantamento apurado e conciso, fica a certeza da existência da literatura como um *organismo vivo* que requer novas formas de aferir e analisar sua presença no contexto artístico contemporâneo.

Dado o traçado é hora de levantar as bandeiras e trilhar os caminhos. “A representação da violência na narrativa brasileira contemporânea”, de Vanderléia da Silva Oliveira, é o segundo

ensaio da obra, que dá início ao processo de caminhada pelas “novas terras”. O estudo de Oliveira dialoga, de certa maneira, com o ensaio de Brandileone, ao apontar a violência como uma temática dominante da produção contemporânea. A partir desta verificação, a estudiosa propõe o estudo analítico de três obras literárias: *A fúria do corpo*, de João Gilberto Noll, *Capão Pecado*, de Ferréz, e *Angu de Sangue*, de Marcelino Freire.

Após apresentar uma rica trajetória da representação da violência em obras literárias, a autora afirma que seu estudo vislumbra a “[...] representação da violência não apenas social, mas também de uma violência existencial [...]” (OLIVEIRA, p.43), justificando assim a escolha da obra de Noll que, segundo seu estudo, revela “um uso da violência que não é meramente expositiva e naturalmente decorrente do cotidiano das metrópoles, mas sim uma *simbolização da violência pelo discurso transgressor*” (OLIVEIRA, p.44).

Como nenhum caminho é restrito e impossível de bifurcações, Oliveira se debruça na análise das produções de Ferréz e Freire de modo a evidenciar pontos de divergência na representação da temática da violência enquanto elemento estético-discursivo. Avaliada a presença da temática da violência e sua representação nestas duas obras, a estudiosa pondera que a literatura produzida por Ferréz age como uma forma de denúncia social, utilizada para “confirmar a disparidade social brasileira e demonstrar que a violência é gerada devido ao cenário da mediocridade sociopolítica, sob a qual os indivíduos são gerados com o destino traçado” (OLIVEIRA, p.61), tornando-se, assim, panfletária. Já em relação à literatura de Marcelino Freire, ela constata que “a partir da demanda da marginalidade, [o autor] consegue criar uma linguagem ficcionalizada, ou seja, carece de um leitor atento, pois há o trabalho com a linguagem” (OLIVEIRA, p.61). Em outras palavras, há, no conceito da pesquisadora, uma estetização da temática da violência semelhante à ocorrida em Noll.

Por fim, a autora classifica a presença da violência, enquanto “recurso estético-discursivo” (OLIVEIRA, p.61), e os centros urbanos como cenário para a produção contemporânea, elementos comuns da produção ficcional contemporânea. Atenta-se também para diversidade de estilos e focos narrativos, os quais são atribuídos pela estudiosa à incomunicabilidade entre os escritores contemporâneos.

Empunhando uma bandeira já há muito hasteada, Luciana Carneiro Hernandes, em seu ensaio “Narrativa de autoria feminina: textos e contextos” propõe um olhar sobre obras produzidas por mulheres, utilizando-se dos pressupostos teóricos propostos pela Crítica Feminista. Notório é que o ensaio não se pretende um arauto do Feminismo, embora apresente

um interessante registro sobre esse movimento. A excelência do estudo se consolida pela preocupação em enxergar nos textos de Márcia Denser e Nélide Piñon, *O vampiro da Alameda Casabranca* e *Colbeita*, respectivamente, a presença de aspectos que os configurem como Literatura, “com maiúscula, que signifique “apenas” o fazer artístico e o expressar poético” (HERNANDES, p.65). Para tanto, elege a proposta de Elaine Showalter, *A Literature of Their Own: British Women Novelist from Brontë to Lessing*, para nortear a análise dos textos.

A autora propõe em seu ensaio uma interessante leitura analítica dos contos de Denser e Piñon, evidenciando na tessitura dos textos, as ideologias de seus períodos de produção e, principalmente, o momento histórico e cultural em que as próprias autoras se encontravam e a maneira como estes aspectos se evidenciam na fatura textual. O que a princípio se assemelha com um estudo da ginocrítica, mostra-se, no decorrer da análise, como um interessante olhar para o texto literário e tão somente para ele.

Partilhando de parte da mesma bandeira que Hernandez, mas tomando uma nova trilha, a dos estudos relacionados à literatura africana de expressão portuguesa, Silvana Rodrigues Quintilhano apresenta seu texto “Tradição e modernidade em Lueji, o nascimento dum império, de Pepetela”. Bem aos moldes das análises que partem dos pressupostos dos Estudos Culturais, Quintilhano apresenta em seu ensaio um estudo relacionando a história de africana, mesclando o aspecto social à historiografia literária, buscando evidenciar de que modo à obra de Pepetela desvela o processo de libertação social que a sociedade africana, especialmente a figura feminina, enfrenta ao longo de seu processo de emancipação política.

Traçando um eficiente relato sobre a presença da literatura na sociedade africana, a estudiosa demonstra que, em África, a liberdade de escrita esteve por muito tempo atrelada ao jugo português. Registre-se, ainda, o importante resgate sociocultural empreendido pela autora no que se refere ao papel e à presença da mulher africana, não apenas no âmbito familiar, mas também no coletivo e no social. Desse modo, a análise realizada por Quintilhano revela um novo modo de olhar para a história do continente africano, com seus mitos, lendas e crenças, que a tornam única e misteriosa.

Longe de se acomodar ante os desafios, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Thiago Alves Valente, no ensaio “Literatura e juventude: o juvenil no contexto brasileiro” olham para trás de modo a compreender, a partir do que já se deu o novo que se aproxima. Antes, porém, de se debruçarem sobre a literatura juvenil especificamente, os estudiosos apresentam uma interessante discussão a respeito do que podemos ou não considerar como juventude e,

consequentemente, de que modo à incerteza sobre este conceito contribui para dificultar a análise de obras que se catalogam como juvenis. Não preocupados em analisar um ou outro exemplar desta produção, denominada pelos estudiosos como subsistema literário, Ferreira e Valente mapeiam o surgimento, as transformações e a consolidação deste subsistema que, de acordo com o estudo, tem em Lobato e em suas obras os precursores desta vertente literária.

O traçado parte dos anos de 1917 e segue demonstrando a evolução da literatura juvenil, o interesse do mercado editorial em publicar obras voltadas para o juvenil, bem como o entrelaçamento entre mercado e regime militar. É importante destacar ainda o interesse dos estudiosos em revelar obras literárias que atendam aos preceitos da literatura emancipatória, oportunizando, assim, formação identitária aos seus leitores. Todavia, não se esquecem de fenômenos mercadológicos, como as sagas de Harry Potter, por exemplo.

Do exposto por Ferreira e Valente fica, especialmente, a certeza da necessidade de encararmos a literatura juvenil como um objeto que necessita de estudos sérios, competentes e especializados, como os já realizados por estes mesmos estudiosos, além da importância em perceber as obras juvenis não mais como um subproduto, um resíduo da “literatura de adulto”, antes um sistema tão complexo, interessante e delineado como o outro.

Retornando às trilhas, deparamo-nos com um dos mais inovadores os estudos apresentados na coletânea: “Breve histórico da minificação brasileira contemporânea”, de Miguel Heitor Brava Vieira. O ensaio inova pelo objeto de análise: a minificação brasileira, subgênero literário pouco conhecido e discutido.

De alguma maneira presente no cenário da literatura brasileira desde Machado de Assis, segundo Vieira, a minificação vai se apresentar de maneira menos tímida na Semana de Arte Moderna de 1922, incorporada às obras de Oswald de Andrade e, posteriormente, às de Graciliano Ramos. O estudioso encontra também em Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector, nas décadas de 1960 e 1970, indícios da minificação e, a partir disto, vincula, assim como Schøllhammer (2009, *apud* VIEIRA, 2013, p. 163), “a minificação à literatura de registro modernista”.

O ensaísta concede lugar de destaque a Dalton Trevisan, escritor paranaense e “não apenas mestre, mas um representante legítimo” da minificcionalidade. Ao lado deste escritor de tão grande renome, Vieira aponta para outros escritores que vem se destacando no cenário nacional: Alberto Guzik, André Laurentino, Antonio Prata, Marcelo Spalding, Cintia Moscovich. Registre-se, ainda, o zelo do estudioso em demonstrar não apenas nomes, mas também

evidenciar casas editoriais, como a Casa Verde, que vem se especializando neste tipo de produção literária.

Tendo consciência do caráter incitante de seu ensaio, o autor encerra-o lançando um convite “à apreciação e deleite pormenorizado de cada autor e seu texto mínimo [...]” (VIEIRA, p.190). Conscientes da existência e da importância deste subgênero, estendemos aqui o convite de Vieira: deliciem-se na minificação.

Da trilha iniciada por Miguel, passamos para um delicioso caminhar que mescla literatura e outras artes. Sonoro e particular, talvez sejam as melhores palavras para descrever o ensaio “Do canto de Capinan sobre certo Carlos, o Mariguella”, de Marilu Martens Oliveira, que verifica de maneira incomum a poesia contemporânea. Ao invés de se preocupar em analisar métrica ou versificação, Oliveira se lança em um peculiar trabalho analítico do qual resulta a leitura do poema “Vai Carlos, ser Mariguella na vida”.

Desvelando sugestões e referências que são inseridas pelo escritor ao longo do poema de José Carlos Capinan, a estudiosa realiza uma apreciação que extrapola as análises acadêmicas, dialogando com as memórias particulares da ensaísta, tornando-se, assim, um escrito um tanto quanto particular. Desta forma, revelam-se, na análise do poema, ícones da música, da pintura, da literatura e da vida social brasileira, principalmente da férrea década de 1980, anos de chumbo que ceifaram a vida de Mariguella e que marcaram não só a história, mas também a produção artística brasileira, conforme desvela Oliveira.

Da poesia para a adaptação, uma vez que o desbravar não permite longas pausas. O oitavo ensaio, “The cask of amontillado: releitura”, de Eliane Segati Rios Registro, apresenta uma inovadora maneira de investigar e entender o processo de adaptação dos textos literários. Tendo como base teórica os pressupostos do ISD – Interacionismo Sócio-Discursivo – propostos por Bronckart, Rios Registro analisa a adaptação do conto de Edgar Allan Poe feita por Dona de Sanctis, em 2006.

Considerando a importância do contexto de produção e, desta maneira, a intenção que o autor tem ao criar um determinado conto, aspectos estes revelados na escolha das palavras e no modo de narrar, a estudiosa aponta para o modo como é produzida uma determinada adaptação, visto que se trata de uma técnica utilizada para atualizar uma determinada obra, mas que deve ser feita sem prejudicar o teor literário.

Subdividindo o conto em cinco sequências, a autora examina de que modo se processa a adaptação e demonstra de que forma Dona de Sanctis trouxe para o século XXI a obra de Edgar

Allan Poe, sem que esta perdesse seu valor literário que a configura como obra prima. A estudiosa registra ainda que as principais mudanças ocorridas na adaptação do conto se dão na busca por uma linguagem mais simplificada, preocupando-se, todavia, em manter os elementos essenciais do conto.

Dos caminhos que nos surpreendem, está o percorrido por Adenize Franco em seu ensaio “Diluições de fronteiras e memória em Longe de Manaus, de Francisco José Viegas”, que projeta seu olhar sobre a produção portuguesa contemporânea. Dentre os principais aspectos abordados pela autora em relação à literatura portuguesa contemporânea, pode-se afirmar que ela mantém relevantes semelhanças com a literatura brasileira não só em relação à multiplicidade de temas, mas também no resgate do romance policial. Todavia, segundo Franco, as narrativas policiais assumem uma forma que o difere do modelo de romances policiais conservadores, pois “[...] mais que uma história de assassinato, assassinos e pistas a serem encontradas para fechar o enigma, o romance investe numa categoria além da simples classificação como gênero policial” (FRANCO, p.238).

Outro aspecto interessante detectado por Franco é a diluição das fronteiras territorial e memorialística apresentada ao longo da narrativa. Para ela, tal característica se dá pela busca constante de alguns autores em “acertar contas” com alguns processos históricos ocorridos em Portugal nas últimas décadas. Segundo a estudiosa, Saramago é um dos autores mais representativos deste período, considerando que “[...] o que podemos perceber [nos romances de Viegas] é a necessidade reiterada de procurar por um passado que se perde nas ruínas da memória. Especialmente, da memória recente de Portugal embaçada nas névoas das guerras coloniais” (FRANCO, p.237).

A autora conclui seu estudo apontando para a problemática apresentada pela narrativa: “[...] a própria indicação do autor, classificando o romance como policial incita à dúvida, ou seja, pode corresponder a uma pista falsa e por trás da investigação de um assassinato encontra-se a investigação das identidades dos indivíduos [...]” (FRANCO, p.244).

Por fim, o caminho trilhado por Sandra Elis Aleixo, professora convidada pelas organizadoras para enriquecer ainda mais o exercício de desbravamento da produção e da crítica literária contemporâneas. Com o intuito de analisar a produção de Murilo Rubião, considerada fantástica, Aleixo apresenta um interessante olhar para aquilo que consideramos literatura fantástica e de que forma o autor em questão dá origem a um novo fantástico.

Pautado no estudo das teorias de Todorov (1992), Borges (1988), dentre outros especialistas no assunto, “A literatura fantástica na contemporaneidade: um olhar para a obra de Murilo Rubião” propõe um revisitação à literatura considerada fantástica. Para ela, autores como Álvares de Azevedo, Monteiro Lobato, Guimarães Rosa, Murilo Rubião e outros “produziram literatura fantástica. Entretanto cada um fez de seu modo particular” (ALEIXO, p.249). Partindo desta certeza, a estudiosa passa, então, a realizar um exercício de análise do conjunto da obra de Rubião de modo a evidenciar as matizes e formas que o fantástico assume na produção deste autor, concluindo que “o fantástico contemporâneo tem o intuito de revelar os mecanismos que afligem o homem e que se encontram entranhados em suas consciências e ações” (ALEIXO, p.273).

Esta resenha teve como objetivo apresentar e discutir os textos reunidos na coletânea *Desafios contemporâneos: a escrita do agora*, cujo valor está na qualidade e na variedade de temas abordados por seus estudiosos. A metáfora do desbravamento, utilizada ao longo do texto, serviu de mote para evidenciar a relevância de estudos que, como os aqui presentes, desvelam um olhar encorajado frente às novidades “literárias” que chegam dia após dia.